






A separação das *nyras* para o Ritual da Mandioca (*Kuwyrykango*) entre os *Kayapós-Ngômejti*


The separation of the nyras for the Cassava Ritual (Kunwrykango) among the Kayapó-Ngômejti
La separación de las nyras para el Ritual de la Yuca (Kunwrykango) entre los Kayapó-Ngômejti

Marcelo Carneiro dos Santos 

Faculdade Estácio, Goiânia, Goiás, Brasil. marcelo_c_s@outlook.com 

Dulce Maria Filgueira de Almeida 

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. dulce@unb.br 

10.31668/praxia.v7i0.15870 

Resumo: O estudo investiga a relevância cultural e epistemológica dos povos indígenas brasileiros, com ênfase no ritual da mandioca (*Kuwyrykango*) dos *Kayapós-Ngômejti*. A pesquisa reinterpreta um estudo realizado em 2019, adotando as performances culturais como metodologia para aprofundar a compreensão das tradições *Kayapó*. Destaca-se o marco inicial do processo ritual, que é a separação, e a importância de uma abordagem interdisciplinar, utilizando autores da antropologia e teatro, como Victor Turner e Richard Schechner. A análise evidencia como as performances culturais contribuem para uma interpretação mais rica e interessante do tema, mostrando a complexidade e a profundidade das tradições indígenas. A metodologia adotada permite uma reavaliação crítica e inovadora das práticas culturais, proporcionando uma nova perspectiva sobre a significância dos rituais *Kayapó*. Este enfoque interdisciplinar revela a riqueza das tradições indígenas e reforça a importância de abordagens culturais diversificadas na pesquisa antropológica.

Abstract: The study investigates the cultural and epistemological significance of Brazilian indigenous peoples, focusing on the mandioca ritual (*Kuwyrykango*) of the *Kayapós-Ngômejti*. The research reinterprets a 2019 study, adopting cultural performances as a methodology to deepen the understanding of *Kayapó* traditions. It highlights the initial stage of the ritual process, which is the separation, and emphasizes the importance of an interdisciplinary approach, incorporating insights from anthropology and theater, particularly from scholars like Victor Turner and Richard Schechner. The analysis demonstrates how cultural performances contribute to a richer and more engaging interpretation of the subject, showcasing the complexity and depth of indigenous traditions. The adopted methodology allows for a critical and innovative reevaluation of cultural practices, providing a new perspective on the significance of *Kayapó* rituals. This interdisciplinary focus reveals the richness of indigenous traditions and reinforces the importance of diverse cultural approaches in anthropological research.

Palavras-chave:

Performance.
Ritual.
Separação.

Keywords:

Performance.
Ritual.
Separation.

Palabras clave:

Performance.

Ritual.

Separación.

Resumen: El estudio investiga la relevancia cultural y epistemológica de los pueblos indígenas brasileños, con énfasis en el ritual de la yuca (*Kumryrykango*) de los *Kayapó-Ngómejti*. La investigación reinterpreta un estudio realizado en 2019, adoptando las performances culturales como metodología para profundizar la comprensión de las tradiciones *Kayapó*. Se destaca la etapa inicial del proceso ritual, que es la separación, y la importancia de un enfoque interdisciplinario, utilizando autores de la antropología y del teatro, como Victor Turner y Richard Schechner. El análisis evidencia cómo las performances culturales contribuyen a una interpretación más rica e interesante del tema, mostrando la complejidad y la profundidad de las tradiciones indígenas. La metodología adoptada permite una reevaluación crítica e innovadora de las prácticas culturales, ofreciendo una nueva perspectiva sobre la significación de los rituales *Kayapó*. Este enfoque interdisciplinario revela la riqueza de las tradiciones indígenas y refuerza la importancia de abordajes culturales diversificados en la investigación antropológica.

Introdução

A importância dos povos originários do Brasil transcende as dimensões históricas e culturais, encontrando eco em perspectivas filosóficas que valorizam a diversidade epistemológica e a riqueza simbólica inerente às suas tradições. Esses povos, com suas inúmeras etnias e línguas, não apenas preservam modos de vida ancestrais, mas também oferecem alternativas epistemológicas que desafiam a visão ocidental dominante (Grando, 2005; Santos, 2017; Santos, 2019).

Nessa gênese, encontram-se as manifestações culturais que possuem uma importância significativa para a cultura dos grupos étnicos, colaborando na transmissão de saberes tradicionais para as novas gerações. Esses conhecimentos impactam significativamente os modos de vida do grupo. Dentre as manifestações culturais, encontram-se os rituais indígenas, como o ritual da mandioca dos *Kayapós*, que exemplificam como esses povos articulam significados profundos através de suas práticas culturais (Santos, 2019). Nessa perspectiva, os rituais podem ser compreendidos como parte das tradições culturalmente criadas pela dinâmica do grupo (Pedroza, 2021).

Victor Turner é um dos pioneiros nas discussões sobre rituais, dentre todos os conceitos abordados pelo antropólogo, damos destaque ao conceito de liminaridade, onde os indivíduos experienciam uma transformação que os coloca entre estados sociais. Richard Schechner, por outro lado, enfatiza a performance ritual como parte integral dos ciclos comunitários. Ambos os autores ajudam a interpretar as reais funções do ritual, buscando construir entendimentos a aspectos sociais, simbólicos, culturais, transmissão de conhecimentos e tradição (Turner, 2005; Schechner 2012).

Esse trabalho faz uma reinterpretação de um estudo que foi desenvolvido através de uma pesquisa etnográfica consolidada. A pesquisa ocorreu na comunidade indígena *Ngômejti*, situada no sul do estado do Pará. A investigação finalizou no ano de 2019 e resultou na dissertação de mestrado intitulada “A dança *No Panojé* do ritual da mandioca (*Kumryrykango*) entre os *Kayapós-Ngômejti*” (Santos, 2019).

No âmbito deste processo de reinterpretação, emergem as performances culturais, as quais se inserem em um vasto espectro de possibilidades e reconstruções. As performances culturais constituem como uma possibilidade metodológica para buscar novos entendimentos sobre diversos temas. É fundamental notar que as performances culturais se manifestam como eventos dotados de representações, comunicação, ato estético e simbólico. Neste constructo, esta perspectiva não apenas contribui para a construção de conhecimento por parte daqueles que observam, mas também daqueles que são observados. Ao movimento que se busca compreender o ritual adquire-se conhecimento sobre si e o outro (Costa, 2015).



Buscando uma nova perspectiva de entendimento sobre a pesquisa realizada no ano de 2019, procurou-se construir uma nova relação com o ritual interpretado. Compreendeu-se, então, a necessidade de olhar para “A separação do ritual da mandioca (*Kumryrykango*) entre os *Kayapós-Ngómejtĩ*” sob uma nova ótica, adotando o conceito desenvolvido por Turner, denominado antropologia da performance; Estabelecendo sua relação com os estudos de Shechener.

É importante destacar a inter-relação entre os trabalhos desses autores, que se encontram e desencontram em diversos pontos. Embora suas abordagens cruzem-se, há desvios que geram novas bifurcações. Esse entrecruzamento de suas obras resulta em bases interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares, conforme discutido por Costa (2015). Por fim, Victor Turner e Richard Schechner têm contribuído diretamente para o entendimento dos conceitos de ritual, fornecendo definições que se encontram nessa encruzilhada e colaboram para uma nova reinterpretação sobre a pesquisa.

Metodologia

Na busca por estabelecer um itinerário cognitivo e navegar pelos domínios do saber, a ciência positivista emergiu como marco inicial na tentativa de elucidar inúmeros objetos de pesquisa. Contudo, a problemática subjacente a essa abordagem científica surge quando o objeto de estudo incorpora elementos como medo, angústia, desejo, maldade, saudade, fúria e pecado - manifestações que clamam por expressão. Surge então a questão: devo silenciar o meu “objeto” e negar-lhe a voz, ou devo, ao invés disso, despir suas múltiplas camadas? (Camargo, 2013)

No âmbito das manifestações culturais, observa-se que, no cerne dessa encruzilhada, reside um enigma a ser desvendado, cuja elucidação é facilitada pelas performances culturais. O paradigma revela que, quanto mais se tenta delimitar um objeto de pesquisa, mais distante dele se torna a compreensão plena. Assim, emerge a compreensão de que a verdade não é absoluta (Camargo, 2013).

A pesquisa se principia através de uma visita ao estado da arte, refazendo uma releitura da dissertação de mestrado intitulada “A dança *No Panojé* do ritual da mandioca (*Kumryrykango*) entre os *Kayapós-Ngómejtĩ*”, realizada por Marcelo Carneiro dos Santos e defendida em 2019 pela Universidade de Brasília, pesquisa orientada pela Dra. Dulce Maria Filgueira Suassuna. O pesquisador identificou a necessidade de uma nova abordagem para a pesquisa, agora utilizando as performances culturais como abordagem metodológica. Estabelecendo o objetivo de reinterpretar a separação do ritual da mandioca (*Kumryrykango*) entre os *Kayapós-Ngómejtĩ* (Santos, 2019).

As performances culturais enquanto abordagem metodológica pode ser percebida como uma possibilidade que transcende as fronteiras das disciplinas tradicionais, integrando diferentes áreas do conhecimento para proporcionar uma compreensão mais holística e profunda dos fenômenos estudados. Esse tipo de abordagem permite uma análise mais complexa e abrangente, sendo essencial para captar as múltiplas dimensões observadas (Camargo, 2013).

O estudo realizado em 2019 teve como objetivo compreender os sentidos e significados atribuídos à dança *No Panojé*, utilizando como referencial o conceito de liminaridade construído por Victor Turner. Para alcançar seu objetivo, o autor passou 20 dias na comunidade *Ngómeji*, situada no sul do estado do Pará. A entrada em território indígena foi realizada de forma consensual, com a autorização do chefe da comunidade.

A comunidade *Ngómeji* é uma das aldeias do grupo *Kayapó* setentrional (*Mêbêngôkre*), localizada entre os municípios de Tucumã, Ourilândia do Norte e São Félix do Xingu. Liderada por *Takangri Kayapó*, a comunidade conta com aproximadamente 70 indígenas.

Por se tratar de um estudo etnográfico, o autor utilizou o método da observação participativa, permitindo-lhe “participar da vida cotidiana das pessoas sujeitas ao estudo, ouvindo o que é dito ou interrogando pessoas durante certo período de tempo” (Becker; Geer, 1957, p. 133). Este método proporcionou uma imersão profunda nas práticas culturais e sociais da comunidade, possibilitando uma análise detalhada da dança *No Panojé* no contexto do ritual da mandioca (*Kumyrykango*).

Na dissertação apresentada pelo autor, foi possível evidenciar a importância do corpo como instrumento de transmissão de saberes para as novas gerações, conhecimentos esses que se concretizam através da prática corporal. Todos os conhecimentos e saberes são manifestados e perpetuados pelo corpo (Rodolpho 2004; Grando, 2010; Santos 2019; Pedroza 2021;).

Ao revisitar o que foi apresentado, o autor vislumbrou um novo olhar para seu “objeto” de pesquisa, buscando refazer seus passos na jornada vivida e indo ao encontro de novas perspectivas sobre o que foi experienciado durante a pesquisa realizada junto aos povos originários *Kayapó Ngómeji*. Essa reflexão crítica e a reinterpretação do processo ritual permitem uma compreensão mais profunda e multifacetada do processo de separação da *nyras* no ritual da mandioca (*Kumyrykango*), revelando camadas adicionais de significado e interconexões entre as práticas cultural, social e crenças da comunidade.

Nesta reinterpretação, o autor apoia-se nas obras de Victor Turner e Richard Schechner para reescrever o ritual da mandioca (*Kumyrykango*). Buscando um novo



entendimento aprofundado do processo de separação na *nyras* durante o ritual da mandioca, utilizando as performances culturais como abordagem metodológica para se compreender as simbologias e saberes tradicionais do povo *Kayapó-Ngomejti*.

Victor Turner, com seu conceito de liminaridade, ilumina os processos transformativos presentes nos rituais, onde os indivíduos atravessam estados de transição e assumem novas identidades e significados. Richard Schechner, por sua vez, contribui com a análise performativa dos rituais, enfatizando como as práticas culturais são encenadas e vividas de maneira dinâmica e interativa (Turner, 2008; Schechner, 2012).

As performances culturais não se propõem a estabelecer padrões absolutos de correto ou incorreto; ao contrário, evidenciam-se como manifestações complexas de necessidades e, mais precisamente, como itinerários. É possível conjecturar que esses itinerários não se limitam a uma única rota, mas sim a uma série de caminhos entrecruzados que, eventualmente, podem convergir em uma encruzilhada ou não (Camargo, 2013).

A partir dessa perspectiva, as performances culturais funcionam não apenas como expressões artísticas, mas como formas de conhecimento que desnudam e articulam as complexidades da experiência humana. Elas nos convidam a transcender as limitações da abordagem positivista, reconhecendo a multiplicidade de significados e as intersecções entre emoção, cultura e identidade. Nesse sentido, a verdade torna-se um conceito fluido e multifacetado, refletindo a riqueza e a profundidade das práticas culturais humanas.

O povo *Kayapó-Ngômejti* do sul do Pará

Os povos *Kayapós* pertencem à família linguística Jê, que são um entre os grupos que fazem parte do tronco indígena Macro-Jê (Pequeno, 2004). Ainda de acordo com Pequeno (2004), há estimativas confiáveis que o povo originário *Kayapó* nasceu a partir da fricção interétnica entre os *Apinayé* e *Suyá*, considerados, por conseguinte, seus parentes mais próximos. O tronco ancestral *Kayapó-Apinayé-Suyá* possivelmente se separou dos precursores dos grupos *Timbira* Orientais, tais como os *Krahô*, *Krikatí*, Gavião e *Ramkokamekra-Canela*, por volta de cem anos antes do surgimento da etnia *Kayapó*.

A família *Jê* é conhecida historicamente por se adaptar a ambientes de cerrados e florestas de galerias do planalto central brasileiro. Entretanto, atualmente, estes povos vivem em zonas de florestas e se diferenciam das outras etnias pela forma estrutural de organização de suas aldeias, que são circulares e semicirculares com um espaço na parte central. Além disso, os povos originários *Kayapós* se estabelecem

sempre próximo a um curso de água, ou afluente dos rios, onde constroem naquele espaço roças familiares (Pequeno, 2004).

A aldeia *Ngômejti* faz parte do pequeno quadro de aldeias da etnia *Kayapó/Mẽbêngôkre* que vai ao longo dos municípios de Bannach, Cumaru do Norte, Ourilândia do Norte, Tucumã e São Felix do Xingu no sul estado do Pará. A comunidade está situada na terra indígena *Kayapó*, ocupada pelos subgrupos *A-Ukre*, *Gorotíre*, *Kubeknkrankêng*, *Kikretum* e *Kokraimro* (Passos, 2018; Santos, 2017; Santos 2019).

Toda a trajetória da comunidade indígena *Ngômejti* se inicia com seu desmembramento de outra comunidade da mesma etnia, a comunidade *Moikarakô*, ocorrido durante a década de 1990. Apesar de não haver documentos que retratem esse desmembramento, apresentamos o relato de Yara Kayapó, que participou do acontecimento e compartilha conosco os seguintes fatos: “Apesar de ser jovem, eu me lembro do meu pai deixando nossa casa, junto com nossa família, devido a brigas dentro da comunidade sobre questões ligadas a território e casamentos inapropriados entre indígenas e não indígenas” (Kayapó, Yara. [Entrevista cedida a Santos], 2019).

As casas *Kayapó/Mebêngôkre* são construídas em torno de uma área desmatada, no centro da qual encontra-se um espaço reservado que ninguém habita, denominado *Ngâ* ou “casa dos homens”. Este espaço central tem função primordial no processo de manutenção da cultura e na tomada de decisões em grupo (Passos, 2018). A “casa dos homens” é um espaço que merece um comentário detalhado. Alguns antropólogos discutem esse espaço e tentam compreender sua função no grupo. Por exemplo, de acordo com Pequeno (2004), a “casa dos homens” é um local onde ocorre uma troca de saberes e conhecimentos entre os representantes do grupo, de modo que a cultura é constantemente ressignificada e transmitida através da realidade cotidiana. Por sua vez, Passos (2018) menciona que a “casa dos homens” é um espaço reservado para a reunião de homens maduros, onde ocorrem trocas de experiências, tais como pinturas corporais, danças, entre outras atividades.

Ainda sobre, Passos (2018) destaca que a “casa dos homens” desempenha ainda outro papel: é o espaço onde ocorrem as manifestações culturais do grupo, como os ritos de passagem e de nominação, além de ser um local para decisões políticas, sociais e culturais. Também é um espaço sagrado, onde acontecem as manifestações rituais. Trata-se de um espaço multidimensional, onde se tomam decisões sobre questões importantes relativas ao grupo e se realizam as manifestações religiosas que aproximam o grupo com o sagrado.



A separação da *nyras* para o ritual da mandioca

O ritual ocorre anualmente durante a colheita da mandioca no período seco, entre os meses de agosto e setembro. De forma resumida, o trabalho nas roças é realizado pelas *nyras na* (Mulheres casadas) da aldeia, sendo elas responsáveis por cuidar da casa, marido, filhos e plantio/colheita, sendo elas guardiãs de todo esse conhecimento tradicional. Para buscar compreender o ritual da mandioca é necessário entender o mito construído junto ao grupo originário, sendo esse aspecto de suma importância no que tange a cosmovisão do povo.

“Certa vez, em uma viagem em busca de novas terras para viver, uma jovem *Nyra* chamada *Wabp* estava de casamento marcado com um indígena de outro grupo étnico. Esse casamento representava a união de duas grandes tribos de etnias diferentes, simbolizando a junção dos *Apinayé* e dos *Suyá*. No entanto, *Wabp*, pertencente ao povo *Apinayé*, precisava sangrar e conhecer as tradições do povo *Suyá* para se casar. Desesperada por não saber como proceder, *Wabp* decidiu recorrer ao Deus *Bô*, que prometeu fazê-la sangrar e ensiná-la todos os conhecimentos relativos ao povo *Suyá*. Porém, em troca, Deus *Bô* pediu que o primeiro filho do casamento fosse devolvido à terra como símbolo do compromisso do novo povo que surgiria. *Wabp* acreditou que poderia cumprir o pedido de seu Deus e comprometeu-se com a exigência. *Wabp* sangrou, casou-se e aprendeu todos os conhecimentos do povo *Suyá*. Ela teve sua primeira filha no casamento, mas ficou extremamente apegada à criança e decidiu não devolvê-la à terra. Sentindo-se enganado, Deus *Bô* tirou a vida da criança, forçando *Wabp* a devolvê-la à terra. *Wabp* foi para um lugar distante da aldeia, enterrou sua filha e passou dias chorando sobre a sepultura. No local onde enterrou sua filha, nasceu uma planta diferente de qualquer outra que já havia visto. Como não tinha dado nome à sua filha, decidiu chamá-la de *Wa*. Com o passar dos dias, na esperança de ver sua filha novamente, *Wabp* cuidou daquela planta. Após um ano, a planta estava rachando o chão. *Wabp* a puxou com todas as suas forças e, para sua surpresa, a planta revelou-se um raiz, que serviu de alimento para todo o povo *Kayapó*. Após dar aquele alimento para as outras indígenas do seu grupo, todas indígenas tiveram vários filhas e filhas. Por fim, toda e qualquer *nyra* que deseja está apta ao casamento precisa passar pelo *Na kunyry kango ã me toro*” vislumbrando casar e ser tornar uma mulher fértil (Santos, 2019).

O mito tem uma grande importância para os povos *Kayapó*, pois é do mito que se consolida todas suas crenças, saberes e conhecimentos do grupo (Lukesch, 1976).

A escolha de uma *nyra* apta para o ritual é realizada por meio de uma reunião entre o cacique, o chefe espiritual e as *nyras* matriarcas da aldeia. Para participar do

ritual, é obrigatória uma avaliação das matriarcas sobre o trabalho realizado pelas *nyras* jovens nas roças. Outro ponto de importante é que as *nyras* avaliadas já estejam aptas para o casamento, ou seja, já tenham passado pela menarca.

À noite, antes do ritual propriamente dito, todas as *nyras* escolhidas para participar do ritual são separadas de suas famílias e ficam na casa dos homens, espaço que fica no centro da aldeia, sendo lugar rico de simbologia. Na cosmologia dos povos *Kayapó/Mẽbêngôkre* a casa dos homens representa o centro do universo, sendo este o principal lugar da aldeia. Se distanciar da aldeia e da casa dos homens pode abrir possibilidades a problemas de cunho espiritual (Lukesch, 1976; Passos, 2018; Santos 2019).

Para Turner (1974) a primeira fase que cerca um rito de passagem é a separação. O que realmente marca o início do ritual da mandioca é a separação da *nyras* iniciadas (Santos, 2019).

A separação deve ser compreendida em um nível mais complexo, onde preparar significa não apenas a separação do corpo, mas também do espaço, dos símbolos e das vestimentas que permeiam o ritual. O momento de separação é crucial para que a próxima etapa do ritual ocorra com eficácia. Para Victor Turner (1974), o processo de separação está vinculado a afastar os iniciados de suas regalias para que possam desempenhar um papel importante futuramente. A condição de separado implica que esses indivíduos não possuem mais uma posição social e estão ascendendo para uma nova posição social.

De acordo com Schechner (2012) e Turner (1987), é no momento de separação que se deve conectar com o grupo de forma mais profunda, buscado estabelecer conexões com o mais íntimo do grupo.

A *nyra Ngômejti* encontra-se afastada de seu grupo; aqui, ela revisita todos os conhecimentos vividos e aprendidos com a *nyra* Mãe durante sua infância. Ela se enfeita com as melhores plumas, utiliza seu melhor traje, e seu corpo é adornado com ornamentos e pinturas que simbolizam a fertilidade, força e inteligência. Seu corpo é pintado com urucum e carvão misturado com jenipapo. Não pode ser qualquer carvão; deve ser feito da madeira de jatobá, uma madeira forte; simbolizando a força que toda *nyra* têm.

A iniciada não estão sozinhas; ela tem consigo sua mãe, avó e bisavóⁱⁱ. Suas parentes participam desse processo de preparação, cantarolando a seguinte canção: “*Xukaja kaja kuma xi wa... Xukaja kaja kuma xi wa... ha ô ha panoje...ô ha panoje...panoje, panoje*”. Cantoria que faz referência ao mito da mandioca, que solicita as suas ancestrais as forças de todas as mulheres férteis que já passaram por aquele ritual. Existe um



desejo de dar continuidade a toda descendência do seu povo e as *nyras* sabem a importância do seu papel.

Em meio às cantorias e à preparação, as *nyras* mães e avós fumam seus cachimbos para espantar os espíritos (*mekarõ*). A cada puxada do cachimbó, uma cuspidinha ao chão, retirando a possibilidade de qualquer espírito malfeitor em se aproveitar da situação ritualística. A fumaça atrapalha a visão dos espíritos, os deixando cegos com a fumaça.

Os símbolos que estavam sendo subscritos nos corpos das *nyras* faziam referência a algum animal de força, tais como: Arara, onça, jabutiⁱⁱⁱ. Entretanto, o que realmente chama atenção foram seus ornamentos e plumagens. As cores do ritual da mandioca eram: amarelo, verde, vermelho e azul^{iv}. No alto da cabeça raspada, um triângulo, deixando evidência simbólica que aquela era uma *nyra* iniciada. Dawsey (2011) enfatiza que um dos momentos mais eletrizantes da performance é quando o ator se descobre na sua experiência do “não-eu” e “não não-eu”. Ou seja, se desprende do seu estado anterior e se encontra no estado transiente.

Essas marcas, adições e subtrações, não são simplesmente flechas apontando para um significado mais profundo. Elas estão cheias de poder: elas conectam uma pessoa com a sua comunidade, ancorando-a a uma identidade social; elas são ao mesmo tempo íntimas e públicas (Schechner, 2012 p. 167).

Nos corpos nas *nyras* estavam expostas toda sua ancestralidade, conhecimento, tradição e identidade.

Para Schechner (1998) o envolvimento com a performance faz o iniciado entrar em dois processos, sendo eles: *transportação (transportation)* e *transformação (transformation)*. A primeira diz respeito a toda experiência de contato com uma performance seja de natureza eficácia ou entretenimento, onde o sujeito é transportado ao local simbólico da encenação e assume diversos papéis a depender de seu envolvimento com a performance. Já a segunda categoria diz respeito a um processo de transformação de papel ou condição do ator social envolvido, seja ele ativo na performance (*performer*) ou espectador, bem como o desenvolvimento de consciência crítica de si próprio e da realidade social.

Durante o processo de separação, as *nyras* iniciadas devem permanecer acordadas durante toda a noite, fumando, cantarolando e tomando chás tradicionais^v. Durante a madrugada, as *nyras* mais experientes compartilhavam histórias sobre a vida de uma *nyra* casada e como será após o casamento. É importante destacar que as *nyras* são ensinadas, ainda jovens, sobre os afazeres de uma mulher casada. Uma das

principais funções de uma *nyra* mãe é transmitir todos os conhecimentos do grupo para suas filhas, dando assim continuidade a toda sua descendência e identidade.

É interessante olhar para o processo de separação do ritual da mandioca e perceber a relação da discussão de Schechner (1985) sobre o comportamento restaurado, a performance consiste numa atividade cultural dinâmica, refeita, reelaborada, reproduzida criativamente ao longo do tempo, mas que sempre se pretende como uma prática idêntica ao que se acredita ter sido no passado, tanto no presente quanto no futuro. A realização da performance implica num processo permanente de aprendizagem, treinamentos, exercícios práticos e repetitivos (Silva, 2014).

O comportamento restaurado possui uma pluralidade de sentidos, sendo simbólico e também reflexivo. Esse comportamento evidencia o caráter teatral de práticas sociais, religiosas, estéticas, médicas e educacionais, que apenas se repetem, nunca são evocadas pela primeira vez. Isso implica em um jogo mimético, estabelecido por meio das experiências de alteridade e das interações sociais do performer. Toda ação é, em alguma instância, comportamento restaurado, visto que nenhum comportamento é realizado apenas uma vez (Schechner, 1995).

Esse comportamento tem a capacidade de produzir “o efeito de distanciamento dos atores sociais em relação a papéis a eles atribuídos. Não se trata de ‘empatia’ ou ‘identificação’ com o ‘outro’, mas de uma abertura a estados alterados da percepção capazes de produzir o estranhamento” (Dawsey, 1999, p. 54).

A separação é apenas uma parte de todo o processo ritual, mas é nesse momento que fica evidente as emoções das iniciadas ao ritual. Algumas *nyras* demonstram estar emocionadas, tocadas por sentimentos que não conseguíamos decifrar, mas que remetiam um aspecto de “devir^{vi}”. Algumas *nyras* desmaiaram durante a madrugada, entretanto, as *nyras* mães acreditavam que ali era o momento de diálogo de espíritos ancestrais para com as iniciadas.

Durante a noite seus corpos estavam sendo preparados para o ritual, impregnados com toda sua ancestralidade, descendência e perpetuando sua identidade. Pinturas, penas, cantorias, conhecimento tradicional. Corpos expostos, entretanto, cobertos repletos de cultura, tradição e saber do *Ngômejti*. Schechner (2012) acredita que ritual é “memórias em ação” na qual traz as implicações de uma memória viva, ou seja, que não está somente nas lembranças ou no plano das ideias, mas está no corpo, nos objetos e nos símbolos ou códigos utilizados ao longo do ato ritual.

De acordo com Victor Turner (2005) o símbolo é uma pequena unidade no processo ritual, por isso permite revelar elementos da cultura e da sociedade ao qual fazem parte. Estes se apresentam por intermédio de três características, sendo elas: a



polissemia, a multivocalidade e a polarização. A polissemia é vários significados que podem ser dados para um determinado símbolo, esses significados sempre vão ser apresentados pelos regentes de cada ritual. A multivocalidade caracteriza-se pelas ligações existentes entre esses símbolos, ou não, já a polarização está relacionada diretamente com os valores, regras, comportamentos compartilhados para as novas gerações dentro do grupo.

Para Richard Schechner (2012), os símbolos desempenham uma função vital na mediação de significados, na estruturação da experiência performativa, na facilitação do comportamento restaurado, na produção de estranhamento e na marcação de transições importantes. Eles são fundamentais para a comunicação e a continuidade cultural dentro das práticas performativas.

Segundo Schechner (2012), quando se inicia a performance, temos um ponto de partida para o ritual, cujas transformações que ocorrem são inscritas em sua nova categoria como índia fértil (*nyras wa*). Assim, com toda a transformação ocorrida, devemos compreender que, quando “a performance acaba, ou ainda em sua parte final, eles retornarão ao ponto em que começou” (Schechner, 2012, p. 163), porém transformadas.

As iniciadas têm o papel de apreender tudo o que está acontecendo ao seu redor e continuar, futuramente, com o que lhes está sendo apresentado. Para Grando (2005) ali existe uma “prática educativa significativa para a transmissão de valores, de técnicas corporais e dos sentidos e significados que compõem os patrimônios clânicos” (Grando, 2005, p. 173), fato que contribuirá para a formação identitária e para a transmissão de saberes tradicionais do grupo.

Conclusão

A pesquisa apresentada destaca a profundidade e a complexidade das tradições culturais dos povos *Kayapó*, com foco específico no ritual da mandioca entre os *Kayapó-Ngômejti*. Através da reinterpretação etnográfica realizada, utilizando como base metodológica as performances culturais, a investigação oferece uma visão holística sobre os significados, simbolismos e processos transformativos envolvidos no ritual.

O estudo revela como as performances culturais, vistas como eventos ricos em representações simbólicas e atos estéticos, são fundamentais para a transmissão de conhecimentos tradicionais e para a manutenção da identidade cultural dos *Kayapó*. A análise da separação das *nyras* no contexto do ritual da mandioca exemplifica a importância dos ritos de passagem e das práticas performativas para a comunidade,

evidenciando como esses rituais permitem a articulação de significados profundos e a perpetuação das tradições.

A utilização dos conceitos de liminaridade de Victor Turner e de performance ritual de Richard Schechner foi crucial para compreender as dinâmicas sociais e simbólicas do ritual. Turner ilumina os processos de transição e transformação que ocorrem durante os ritos, enquanto Schechner enfatiza a natureza encenada e interativa das práticas culturais, proporcionando uma compreensão interdisciplinar do tema.

Ademais, a pesquisa sublinha a relevância dos mitos, como o mito da mandioca, na consolidação das crenças e saberes dos *Kayapó*. Os mitos servem como base para a estruturação das práticas rituais e desempenham um papel essencial na coesão social e na transmissão intergeracional de conhecimento.

A investigação etnográfica, ao adotar uma abordagem metodológica baseada nas performances culturais, transcende as limitações das abordagens positivistas tradicionais, permitindo uma análise mais rica e multifacetada dos fenômenos estudados. Essa perspectiva holística é vital para captar as múltiplas dimensões das práticas culturais, sociais e simbólicas dos *Kayapó*, evidenciando a complexidade e a profundidade das experiências humanas.

Em suma, o estudo reafirma a importância das tradições culturais dos povos originários e a necessidade de abordagens metodológicas inovadoras para compreendê-las plenamente. As performances culturais, ao desnudarem e articularem as complexidades da experiência humana, oferecem uma via poderosa para o conhecimento, desafiando as visões ocidentais dominantes e valorizando a diversidade epistemológica e simbólica inerente às tradições dos povos originários do Brasil.

Referências

- BECKER, H. S.; GEER, B. Participant observation, and interviewing: a comparison. In: DENZIN, N. K. (Org.). **Human organization**. New Jersey: Aldine Transaction, 1957. p. 133-142. Disponível em: <https://doi.org/10.17730/humo.16.3.k687822132323013>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- CAMARGO, R. C. Milton Singer e as performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. **Karpa**, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/7843280>. Acesso em: 10 maio 2024.
- COSTA, G. A. **Ritual em Richard Schechner e Victor Turner: aspectos de um diálogo interdisciplinar**. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/37200780>.



- DAWSEY, J. C. Sismologia da performance: ritual, drama e play na teoria antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 527-570, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-77012007000200002>.
- GRANDO, B. S. **Cultura e dança em MT: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na região de Cáceres**. Cáceres: Unemat Editora, 2005. Disponível em: <http://www.entrelinhaseditora.com.br/uploads/produtopdf/Cultura-e-Danca-em-Mato-Grosso.pdf>.
- GRANDO, B. S. O jogo da educação do corpo e a identidade Bororo em espaços de fronteiras étnicas e culturais. **Revista EDO-UFMT**, p. 107-120, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/download/33701048/euOutro_indigenas.pdf#page=102. Acesso em: 12 jun. 2024.
- LUKESCH, A. **Mito e vida dos índios Caiapós**. São Paulo: Pioneira, 1976. Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/title/252781043>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- PASSOS, J. L. M. **Caminhos mēbêngôkre: andando, nomeando, sentando sobre a terra**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, 2018.
- PEDROZA, R. A. A performance da folia de São Sebastião na Comunidade Quilombola Magalhães. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e012120>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- PEQUENO, E. S. S. Trajetória da reivindicação Kayapó sobre a Terra Indígena Badjônkôre. **Revista de Estudos e Pesquisas/FUNAI**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 249-288, 2004.
- RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, 2004. Disponível em: <https://estudosteo.v44n2.rituais>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- SANTOS, M. C. D. **A dança no Panojé do ritual da mandioca (Kuwyrykango) entre os Kayapós-Ngômejti**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de Brasília, 2019.
- SANTOS, M. C. D. **Na Kuwyry Kango ã me toro: as danças do ritual da mandioca na comunidade indígena Moikarakô**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual de Goiás, 2017. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/38638>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- SCHECHNER, R. Do ritual ao teatro: a trança eficácia-entretenimento. London: Routledge, 1988. p. 106-152.
- SCHECHNER, R. **Performance studies: an introduction**. New York: Routledge, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203715345>.

SCHECHNER, R. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral.

Cadernos de Campo, v. 20, p. 213-236, 2011. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v20i20p213-236>.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, jan./jun. 2014. Disponível em:

<http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/20598>.

TURNER, V. **Dramas e metáforas: ação simbólica da sociedade humana**. In:

TURNER, V. **Dramas sociais e metáforas rituais**. Niterói: EDUFF, 2008.

TURNER, V. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, V. Os símbolos no ritual Ndembu. In: TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Niterói: EDUFF, 2005. p. 49-82.

TURNER, V. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

Recebido em: 26/01/2025

Aprovado em: 30/05/2025

Publicado em: 10/09/2025

ⁱ Fazendo referência a figura do deus Bô: Figura dual - Do lado direito fica a bondade e do esquerdo a maldade.

ⁱⁱ Mesmo que suas ancestrais não estejam de corpo presente, seus espíritos participam do ritual.

ⁱⁱⁱ Cada animal tem sua qualidade específica: onça: força, arara: trabalho; Jabuti; inteligência.

^{iv} As plumagens e penas de aves eram de cores fortes e vivas.

^v Chá de erva cidreira e romã. O chá é para manter a *nyras* acordadas até o canto dos pássaros. Porém se desmaiar não teria problema, já que existia uma relação do desmaio com a conexão com as antepassadas que estavam no plano espiritual.

^{vi} "Devir" é um conceito filosófico que se refere ao processo de transformação e mudança contínua. Originário da filosofia grega, especialmente dos trabalhos de Heráclito, o termo foi amplamente desenvolvido por filósofos modernos como Friedrich Nietzsche e Gilles Deleuze.

